

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

BACHARELADO EM CINEMA

FELIPE SILVA RECHE

ENCONTRO EM TITICACA

Florianópolis, dezembro de 2015.

FELIPE SILVA RECHE

ENCONTRO EM TITICACA

Projeto de documentário do Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Cinema. Sob a orientação do professor Henrique Finco

Professor Henrique Finco

Presidente da Banca – Orientador

Virgínia Jorge Silva Rodrigues

Membro

Josias Ricardo Hack

Membro

Patrícia de Oliveira Iuva

Suplente

Florianópolis, dezembro de 2015.

Resumo

Projeto de um vídeo documentário sobre duas instâncias de uma viagem, que parte da seguinte frase: “A rotina pode ser insalubre e, com isto, criar necessidades de mudanças.” Esta mudança pode acontecer através de uma longa viagem, tema do documentário. A saída da zona de conforto gerada com a distância de familiares e amigos, a imersão em culturas diferentes e distintas circunstâncias podem proporcionar um autoconhecimento e reflexões nas formas de ver e levar a vida. Uma viagem física, exterior, pode também, ainda mais intensamente, ser uma viagem interior. Pode acarretar mudanças e aprendizagens tão grandes a ponto de se necessitar compartilhar ou tornar público. Uma forma de exteriorizar uma experiência pode se dar através de um texto ou um filme. A proposta aqui é de criar uma narrativa fílmica na tradição do documentário, e que possivelmente venha a ajudar outras pessoas ou mostrar caminhos e reflexões diversas presentes neste vasto mundo.

Palavras-chave: Viagem, autoconhecimento, reflexão

Sumário

1. Introdução	5
2. Fundamentação teórica	6
2.1. Walter Benjamin	6
3. Escolhas Narrativas	9
3.1. Bill Nichols	9
3.2. Cinema em primeira pessoa	12
4. A primeira experiência	14
5. Conclusão	43
6. Referências	44
7. Filmografia	45

1. Introdução

Este é o projeto de um filme documentário de média metragem reflexivo performático, baseado em uma experiência que tive viajando por parte da América Latina, dos quais quatro meses em Buenos Aires e um mês e meio em diferentes cidades do continente sul-americano. Minha longa estadia na capital argentina se deu, sobretudo, como uma fase de adaptação para uma futura viagem que fiz percorrendo o norte do país, passando pela Bolívia até chegar ao Peru. O caminho que percorri desde o momento em que saí de Buenos Aires até o momento em que cheguei à Machu Picchu, foi, antes de tudo, uma viagem interna das quais surgiram muitas inquietações e reflexões que muito me marcaram e transformaram minhas formas de enxergar o mundo, servindo como base para este novo projeto.

Quando fiz esta viagem realizei alguns registros imagéticos, do qual grande parte do material foi perdido e sobraram apenas algumas fotos feitas com um celular, que ilustram parte desse projeto. Na época não cogitava a realização de um filme sobre esta jornada, mas foi justamente esta experiência que me fez ver a necessidade de exteriorizá-la e realizar um filme baseado na experiência. Como os registros de imagem que tenho são poucos e sobraram apenas fotos e nenhum vídeo, tomei a resolução de refazer a jornada, agora munido de uma filmadora e gravador de som.

Penso em fazer as imagens por lugares onde passei e em diferentes situações, trabalhando com minha narração em *off* e assim, criar um diálogo com as memórias de minha primeira viagem, o que traz um problema a ser resolvido, já que o que pretendo realizar é um filme documentário baseado em uma experiência já passada. O problema está em que à experiência passada irá se somar uma nova experiência, que é a que virá com a nova jornada. Não posso saber como será tal experiência, do mesmo modo que não sabia como seria a primeira; a única certeza é a de que há uma experiência passada à qual quero transformar em uma narrativa fílmica e que a nova experiência, com a nova jornada, agora já intencionada no sentido de realização do filme, será incorporada ao filme a ser feito.

Filmarei, portanto, meu trajeto da primeira jornada e as descobertas que certamente terei nesta segunda jornada, intercalando, sempre que possível, através de minha memória, narração e imagens, as duas experiências em uma única narrativa fílmica. Para isto, penso em utilizar duas fontes teóricas, como explico mais adiante.

2. Fundamentação teórica

A fundamentação teórica deste projeto necessita dois referenciais, que se complementam e que justificam as escolhas narrativas a serem concretizadas no filme. Estes referenciais são Walter Benjamin, com o texto *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1984) e Bill Nichols, com *Introdução ao Documentário* (2005) e *La Representación de la Realidad: cuestiones y conceptos sobre el documental* (1997).

2.1. Walter Benjamin

Tomando como inspiração o texto de Walter Benjamin, procuro transmitir minha primeira experiência, que servirá como um roteiro base para minha segunda experiência.

Tenho o que contar – e este “ter o que contar” produzirá uma narrativa – e apresento a lembrança e inspiração nos narradores descritos por Walter Benjamin que, para ele, pertencem a dois grandes grupos:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

Eu estou neste primeiro grande grupo. Sendo assim, proponho trabalhar minha narrativa de forma a entremear minha vivência nômade da viagem de Buenos Aires à Machu Picchu, com as reflexões, autoconhecimento e necessidades insurgentes que se contrapõem a uma vida habitual e tradicionalista de minha criação regular. Claro que não vou esquecer que estes grupos não são intransitivos, como lembra Benjamin:

No entanto essas duas famílias, como já se disse, constituem apenas tipos fundamentais. A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. (BENJAMIN, 1994, p.199)

Estabelecendo-me inicialmente em Buenos Aires como uma temporada de adaptação a uma vida diferente da qual eu vivia no Brasil, e conseqüentemente/posteriormente renovando minhas aspirações e objetivos pessoais com a viagem até o Peru, busco na narrativa o poder do encorajamento de enfrentar meus obstáculos internos, que talvez possam ser similares aos de outros indivíduos, a fim de proporcionar uma deliberação que permita uma maior satisfação na vida de quem a recebe. À minha narrativa externa, experiência palpável e talvez

reproduzível fisicamente por alguém mais, corresponde uma narrativa interna, única, pouco denotativa, já que muito subjetiva. Ambas estão coladas uma à outra. Eventualmente esta viagem interna, colada à externa, tenha o poder de propiciar a natureza da narrativa, a que se refere Benjamim:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1994, p. 200)

Não posso afirmar que sei dar conselhos, embora a experiência tenha sido de grande aprendizado e eu tenha me transformado, mas devo deixar claro que a forma na qual procurei cessar a angústia que me incomodava com a rotina maçante do cotidiano, foi através da necessidade de quebra do modelo predominante de vida que sempre fez parte de minha formação como pessoa - sociedade urbana possessiva - para algo completamente oposto do que sinto como algemas do conservadorismo. Assim, busquei na viagem a necessidade de deixar uma vida costumeira e já insalubre no passado e mergulhei num futuro desconhecido de novas vivências e oportunidades.

Recorro narrar a experiência de minha viagem conforme os objetivos específicos que eu buscava na viagem – um percurso muito mais interno, das subjetividades e transformações de minha mente, do que propriamente um deslocamento externo pelas terras do continente, embora percebesse este como instância importante, talvez deflagradora de questões e instrumento de descondicionamento – mas sem impor as ferramentas de como isso se manifestava dentro de mim.

Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na narração. (BENJAMIN, 1994, p. 203)

Assim foram os meus momentos no Salar de Uyuni, na Bolívia, mais especificamente enquanto eu admirava o pôr-do-sol no deserto. Por mais que meus pensamentos e reflexões pessoais tenham como pano de fundo a imagem alaranjada de um final de tarde isolado e único, onde cada indivíduo cria suas noções da paisagem, tais filosofias do momento da ação podem ser inúmeras e inimagináveis ao leitor, fazendo com que ele aumente os caminhos de possibilidades de sua própria experiência, pois: *O narrador retira da experiência o que ele*

conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1994, p. 201)

Dessa forma o ouvinte é livre para fazer relações com suas próprias e mais longínquas experiências e como consequência mais facilmente a narrativa é revivida em sua vida:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 204)

Conforme os dias se passavam e minhas buscas por momentos remansados iam se concretizando, paralelamente aos momentos de reflexão e autoconhecimento que tais condições me propiciavam, sentia que a angústia que me regia dava lugar a sentimentos mais confortáveis.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1994, p.221)

As diferentes adversidades que surgiram em toda minha experiência da viagem foram cruciais para uma construção interna de rejuvenescimento do olhar e reaprendizagem acerca das questões mundanas, de tal forma que meu estado interno ao final de todo o percurso e prestes a regressar ao meu país, destoava do espírito taciturno ao qual eu me encontrava antes de sair de meu país.

Eu sentia a necessidade da mudança e conhecia os sintomas causadores dos malefícios, bem como possíveis antídotos. A viagem era o oposto da rotina, cujas atividades realizadas e cada momento vivido me aproximavam de um reencontro com uma paz que talvez eu apenas conheci num tempo em que eu desconhecia a sua falta: *O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.* (BENJAMIN, 1994, p. 221)

3. Escolhas Narrativas

Tomada a decisão de criar a narrativa, resta definir como ela irá se desenvolver no formato audiovisual, isto é, como narrativa fílmica.

Uma forma de resolver tal problemática pode se dar na resposta à seguinte questão: Como criarei uma narrativa cinematográfica que dê conta destas instâncias de viagem, a externa e a interna, ambas entrelaçadas? Que escolhas terei que fazer?

Sendo assim, poderei recorrer a dois tipos de auxílios: um fundamentado em pessoas que já possuem uma teoria abrangendo filmes desta natureza e/ou me basear em alguns destes tipos de filmes, cujos autores eventualmente já enfrentaram problemas de natureza semelhante.

3.1. Bill Nichols

Sobre o que já se teorizou sobre o assunto, resolvi recorrer a Bill Nichols, que propõe uma classificação de filmes não ficcionais baseada nas características narrativas destes filmes. Acho proveitoso, já que esta classificação esclarece muita coisa sobre algumas das escolhas que terei que fazer e também auxilia na construção de um projeto que deverá se transformar em um filme.

No que propõe Nichols, a concretização de minha narrativa será um filme documentário **reflexivo e performático**. Reflexivo porque muito do que irei narrar vem da memória e a memória é já uma interpretação da realidade e, para ser fiel ao pacto que existe entre documentarista e seu público – pacto de confiança de que o documentarista esteja sendo sincero – a memória terá que aparecer como memória e não como realidade dada.

O modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona. O acesso realista ao mundo, a capacidade de proporcionar indícios convincentes, a possibilidade de prova incontestável, o vínculo indexador e solene entre imagem indexadora e o que ela representa – todas essas ideias passam a ser suspeitas [...] Na melhor das hipóteses, o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa. (NICHOLS, 2008, p. 166)

Sendo assim, a reflexividade é o que mostrará o que está sendo narrado, cuja narrativa é um constructo meu, podendo ter alguma ligação com a realidade, como imagino que tenha, mas que não é a realidade. *Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não*

só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação.
(NICHOLS, 2008, p. 162)

Dessa forma, minha finalidade com essa reflexividade não está fundamentada só em minhas experiências, mas, a partir da narrativa fílmica, trazer tais reflexões para o espectador que a acompanha, como refere Nichols:

[...] O documentário reflexivo tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público e não acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. Por essa razão, os documentários podem ser reflexivos tanto da perspectiva formal quanto política. De uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário em si. De uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca. (NICHOLS, 2008, p. 166)

Neste sentido, também será um filme “opaco”, em oposição aos filmes “transparentes”, como o são canonicamente os filmes produzidos em Hollywood, que se mostram como janelas para o mundo e tentam esconder sua substância, ou seja, tentam esconder que são filmes, como discute e demonstra Ismail Xavier. (2008, pp. 17-46)

Também é performático porque minha presença será fundamental para que ele exista, ou seja, minha presença, que pode ser apenas sonora, definirá a estrutura narrativa final. Sem ela não haveria narrativa. Como propõe Nichols:

Um tom autobiográfico compõe esses filmes, que têm semelhança com a forma de diário do modo participativo. Os filmes performáticos dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo [...] Os acontecimentos reais são amplificados pelos imaginários. A combinação livre do real e do imaginado é uma característica comum do documentário performático. (NICHOLS, 2008, p. 170)

A inspiração aqui é no filme “Santiago”, de João Moreira Salles, que só passou a ter possibilidade de existência quando o próprio João Moreira Salles se colocou no filme, como comenta Henrique Finco¹.

Ainda em relação aos termos acima propostos por Ismail Xavier, e fazendo paralelo com as definições teorizadas por Nichols, meu filme será “opaco” performático pois: *A característica referencial do documentário, que atesta sua função de janela aberta para o mundo, dá lugar a uma característica expressiva, que afirma a perspectiva extremamente*

1 “... em Santiago há performance de João Moreira Salles, e performance que ... é decisiva para o caráter do filme...” (Finco, 2012- p.139).

situada, concreta e nitidamente pessoal de sujeitos específicos, incluindo o cineasta. (NICHOLS, 2008, p. 170)

Portanto, a pretensão é a de realizar um filme que narre uma viagem interior - que pude experimentar nesta jornada por parte da América Latina – e que está ligada à viagem física/exterior que realizei e que tornarei a realizar. Para criar esta narrativa, que é dupla – uma não existiria sem a outra, ou existiria de outra forma – tenho que resolver o problema de como irei representar estas duas narrativas que, embora diferentes, se complementam.

Como os primeiros documentários, antes que o modo observativo priorizasse a filmagem direta do encontro social, o documentário performático mistura livremente as técnicas expressivas que dão textura e densidade à ficção (planos de ponto de vista, números musicais, representações de estados subjetivos da mente, retrocessos, fotogramas congelados, etc.) com técnicas oratórias, para tratar das questões sociais que nem a ciência nem a razão conseguem resolver. (NICHOLS, 2008, p. 173)

Penso que a narrativa fílmica deverá ser estruturada, então, por dois tipos de registros: para a viagem exterior o registro fotográfico seria um registro naturalista, feito com luz ambiente e que dirá respeito à nova jornada, para a viagem interior, o registro predominante seria o de minha voz em *off*, já que representa uma realidade não física, imaterial, embora também seja parte da realidade, narrando a experiência vivida e as memórias que surgem do reencontro. Assim sendo, como exemplifica Nichols:

O documentário performático sublinha a complexidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas [...] O que esses filmes compartilham é um desvio da ênfase que o documentário dá a representação realista do mundo histórico para licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas. (NICHOLS, 2008, pp. 169-170).

Como filmarei um encontro, que na verdade é um reencontro, não posso saber exatamente o que irei encontrar ou o que irei sentir, nem ao menos que tipos de experiências vivenciarei, ou sequer se chegarei aos mesmos lugares pelos quais passei. Posso ter apenas a intenção de um roteiro de viagem, viagem esta que filmarei não sabendo exatamente qual será o resultado deste encontro/reencontro. Desta forma, não é possível elaborar um roteiro tradicional, que caberia em um documentário, por exemplo, de alguma personalidade ou de algum acontecimento histórico. Aqui, trata-se de ir ao encontro de algo novo, ainda não conhecido:

Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. A sensibilidade do cineasta busca estimular a nossa. Envolvemo-nos em sua

representação do mundo histórico, mas fazemos isso de maneira indireta, por intermédio da carga afetiva aplicada ao filme e que o cineasta procura tornar nossa. (NICHOLS, 2008, p. 171)

Deste modo, terei uma espécie de roteiro, que são as memórias da primeira jornada, e que servem como base para a nova narrativa. Tenho consciência de que a nova experiência não poderá ser exatamente igual à anterior, e é justamente essa interlocução de experiências e vivências que trará o caráter reflexivo de experimentar a vida em seus instantes únicos: *No entanto, pelo mundo representado nos documentários performáticos, espalham-se tons evocativos e nuances expressivas, que constantemente nos lembram de que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele.* (NICHOLS, 2008, p. 173)

3.2. Cinema em primeira pessoa

Por outro lado, pelo o que se pode perceber, esta será uma narrativa em primeira pessoa; isto é uma autobiografia. A questão se pode ou não existir um cinema em primeira pessoa já foi discutida em variadas ocasiões. Recorro aqui a duas discussões recentes, uma publicada na revista ‘Contracampo’ (edições 49, 50 e 51), por Guilherme Sarmiento², que defende a impossibilidade de um cinema em primeira pessoa e outro publicado na edição 11 da ‘Revista Rua’, da UFSCar, por Henrique Finco, afirmando a possibilidade de se fazer um cinema em primeira pessoa³. Para Sarmiento, esta impossibilidade se dá porque a câmera de saída já se definiria como um narrador em terceira pessoa, seria impossível o olhar em primeira pessoa, a não ser como trucagem de estilo. Já para Finco, o argumento de Sarmiento não se sustenta caso dermos uma olhada nos referenciais que a Literatura utiliza para definir a biografia e a autobiografia, em especial Lejeune⁴; Adoto a última posição, pois nela o autor comprova a possibilidade de se fazer cinema em primeira pessoa. Conforme o autor, que recorre a Lejeune, a autobiografia deve estar contida na seguinte definição: *“narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”*.

2 SARMIENTO, Guilherme. *Spider: a primeira pessoa no cinema*, Revista contracampo, edição 49 (2010), in: <http://www.contracampo.com.br/49/primeirapessoa.htm>. Acesso em novembro de 2015.

3 FINCO, Henrique: *Cinema em primeira pessoa*, Rvista RUA, edição 11 (2010), in: http://www.rua.ufscar.br/cinema-em-primeira-pessoa/#_ednref9

4 LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Como o filme que pretendo realizar obedece a estes critérios, ele será também uma autobiografia, mesclando vivências flagradas em uma segunda viagem e memórias de uma primeira viagem, que eu as coligi em um texto e que servirá de base/roteiro para a narrativa fílmica.

TEXTO QUE SERVIRÁ DE BASE À NARRATIVA QUE FAREI EM *OFF*

Após créditos iniciais - que serão projetados sobre planos que lembrem cotidiano e planos já “on the road” - minha voz em *off* seguirá mais ou menos o roteiro da narrativa a seguir, lembrando que novas narrativas deverão ser acrescentadas e/ou confrontadas com as de minha memória, como explicado na “Introdução” e na “Fundamentação teórica”. O texto que segue é quase todo em primeira pessoa e propositadamente em tom coloquial, pois este será o caráter da narrativa fílmica.

4. A primeira experiência

Sair das fronteiras e territórios até então conhecidos ou imaginados. A necessidade de esvaziar uma rotina que aos poucos suga qualquer sinal de vitalidade existente em uma vida cotidiana. Um mergulho no novo, no desconhecido. A busca por um suspiro restaurador. Em meio a turbulências, coragem e desejos chego à Buenos Aires para uma temporada de quatro meses.

Com o intuito de fazer uma viagem até Machu Picchu, passando pela Bolívia e o norte da Argentina, a temporada em Buenos Aires foi como uma preparação para uma futura viagem pela América Latina para um jovem que nunca tinha saído para muito além do estado em que vive e estuda. A começar pelo idioma, que até então eu desconhecia. Por mais que eu estivesse em uma capital de outro país (e talvez até mesmo por isso) a dificuldade momentânea do início de adaptação do cotidiano porteño muito se deu pela grande presença de brasileiros que vivem na cidade. Embora a ideia, antes mesmo de sair do Brasil, era a todo o momento estar em companhia de argentinos (a fim de aprimorar o idioma mais rapidamente) na prática esse quesito não foi muito satisfatório. Morei durante todo o período de Buenos Aires em dois hostels diferentes e em ambos havia tanto brasileiros trabalhando na recepção, quanto viajantes ou estudantes como eu (o que fazia com que a conversação em português estivesse a todo o tempo presente). É incrível imaginar e perceber a quantidade de brasileiros que frequentam/viajam/moram em Buenos Aires. Não havia um dia em que eu saísse na rua e não ouvisse alguma frase do velho e conhecido português brasileiro pelas calçadas. Mas meu intuito na cidade era a libertação, uma libertação da vida rotineira que me sufocava todos os dias clamando por mudança, uma libertação das amarras que cresceram comigo durante meu crescimento, amarras essas ligadas a apego, ligadas a sentimento, uma libertação do velho e conhecimento do novo.

Como toda fase de transição, o início da temporada em Buenos Aires foi tenso e intenso, a partir do momento em que saímos da zona de conforto a qual estamos habituados a viver. Quando estamos na rotina - casa, trabalho, faculdade, mercado, casa - ligamos nossas vidas em um modo automático cujas atividades corriqueiras são realizadas sem um mínimo de pensamento acerca do que se está sendo feito, e ao menor sinal dessa robotização de vida a busca por novos olhares e rumos se torna ainda mais evidente e necessária. Ao mesmo tempo em que me encontrava deslumbrado com tudo de novo que existia ao meu redor, a estranheza de não viver a vida na normalidade do dia após o outro, de início, me veio como algo

assustador com a crueza do rompimento imediato. Cada detalhe era novo e diferente, desde pedir qualquer informação ou algo sem muita importância com algum recepcionista argentino do hostel até chegar a algum lugar do outro lado da cidade. Com o passar dos dias e a consciência da mudança o susto do “anormal” passa a perder lugar para a coragem e a vontade de viver o desconhecido.

Viver em hostel com certeza foi uma experiência muito diferente de tudo o que vivi ou imaginava. Não existe privacidade, pessoas de diferentes partes do mundo e em todo momento estão passando na sua frente, vendo suas privacidades e, estando lá, comecei a me adaptar a esse novo estilo de vida que até então era muito distante do meu universo. Pela primeira vez conheci pessoas de inúmeras partes do mundo, fiz amizades de uma semana de convivência e vivi momentos em que me senti à flor da pele como na vez em que roubaram minhas roupas de dentro do “meu próprio quarto”. Passei a entender melhor a ideia do desapego, tanto o material quanto o sentimental, e tive meu primeiro contato intenso com meu interior, com minhas atitudes e autorreflexão. Eu estava em Buenos Aires para fazer intercâmbio na Universidad de Buenos Aires (UBA), mas embora meu tempo na cidade tenha sido de quatro meses, não levei uma amizade concreta comigo. Eu utilizava meus momentos de solidão na faculdade para conhecer a cultura argentina, as mobilizações estudantis e trabalhistas e tirava de cada momento algo construtivo. Fiz matrícula em um curso externo à faculdade e passei a ocupar meu tempo, quando estava no hostel, estudando espanhol pensando na viagem que tinha em mente depois desse período. A ausência e distância de amigos verdadeiros - pessoas em quem confiamos - me fez mergulhar numa necessidade de autoconhecimento e então a ideia de estar sozinho e saber tirar proveito dessa situação passou a ter mais sentido em minha vida.

Vivi Buenos Aires até o limite de tempo que eu poderia e aguentaria. Minha estadia na cidade, embora não tenha sido de grandes sorrisos, foi de muita necessidade. Com o início de um autoconhecimento que até então ainda não tinha aflorado dentro de mim e a língua espanhola melhor adquirida, a necessidade de sair da capital crescia exponencialmente. O trânsito diário, as multidões nas calçadas e a poluição sonora/visual me gritavam o desespero do caos urbano. Eu necessitava sair da selva de pedras, da indústria do capital e das propagandas e merchandising. Já era necessário conhecer o que a América Latina tinha de rico, sua cultura e seus povos. Depois de intensos quatro meses vivendo em hostel no centro de Buenos Aires e convivendo com todas as adversidades que cruzaram meu caminho e me serviram de experiência, coloquei a mochila nas costas e iniciei a viagem que eu tanto

desejava. Sem muito planejamento fixo de cidades que seriam visitadas ou quantidade de tempo que ficaria hospedado em um determinado local, dois propósitos eu tinha muito claro: visitar o Salar de Uyuni na Bolívia e Machu Picchu no Peru. Deixei minha mente e liberdade tomarem conta e parti para meu primeiro destino, Córdoba.

Na viagem à Córdoba, assim como em todos os meus planejamentos, fiz o trajeto no período da noite. Nessas viagens de longa distância optava por horários noturnos a fim de economizar com os gastos em diárias de hostels ou simplesmente como uma preocupação a menos no que diz respeito a algum lugar para dormir. Como minha ideia era ir subindo desde Buenos Aires até o Peru, decidi passar por Córdoba já que tinha como vontade conhecer o norte da Argentina e seus respectivos povos.

Cheguei em Córdoba logo pela manhã e confesso que minha primeira impressão da cidade foi uma mini Buenos Aires. Inúmeros edifícios, trânsito e pessoas para todo o lado. Eu estava fugindo de Buenos Aires em direção ao que eu próprio repudiava naquele momento. Logo que cheguei à cidade pedi informação na rua por localizações de possíveis hostels na região e como a rodoviária se encontra na região central da cidade não foi difícil encontrar um em que eu pudesse me hospedar. Durante quatro dias me hospedei em um hostel chamado 'Macanudo' e acredito que não poderia ter encontrado um lugar melhor. Era uma casa bem grande, de dois andares, cujo período da noite funcionava como um bar bem badalado na região. O que me encantava no local era a sua característica cultural mesclada com o sentimento familiar que circulava ali dentro. Inúmeros jovens, moradores/viajantes, música ao vivo e uma decoração toda alternativa que me sentia como se estivesse em um cenário de alguma peça de teatro com suas paredes coloridas e enfeites do chão ao teto.

O hostel se localiza em um bairro chamado Nova Córdoba, um bairro inteiramente universitário e bastante movimentado com a presença da UnC (Universidad Nacional de Córdoba) que existe na cidade. Talvez por esse motivo o Macanudo tenha uma presença tão forte de pessoas jovens frequentando o local. E foi justamente no Macanudo que eu conheci a primeira grande amizade que fiz na viagem. Eduardo é um equatoriano que vivia há dez anos no Chile e se mudou para Córdoba com o intuito de ingressar na universidade. Como ele não conhecia nada na cidade ele chegou ao hostel no meu segundo dia no lugar e ficaria por ali enquanto procurava uma casa para morar. Passei a conhecer o que havia pelas redondezas ao lado de Eduardo por uns três dias e assim pude conhecer um pouco da sua trajetória de vida, seus costumes e sua cultura nas conversas que tive com ele. Nunca entendi muito bem o tipo

específico de trabalho que Eduardo participa, mas ele desenvolve atividades em uma empresa que presta serviços solidários com jovens e adultos. (Pretendo ainda, bem como outros nomes que aparecerão nesta narrativa, reencontrá-lo e pedir que se apresente na narrativa fílmica)

Nesse momento eu ainda não imaginava, mas com o decorrer da viagem eu fui notando a magia dos encontros e sintonias que ocorrem em uma viagem. Algo que sempre virava tema de conversa com pessoas que eu me identificava em algum momento e nos mais variados lugares, está no encontro de pessoas com as mesmas energias. Costumávamos sempre falar em como as pessoas “com boas energias”, com os mesmos gostos ou desejos, se encontravam, e, assim, compartilhavam momentos de felicidade única, de solidariedade e companheirismo. Eduardo é uma dessas pessoas. Passei quatro dias no Macanudo, dos quais três foram com ele, que com toda certeza contribuiu para momentos de alegria na cidade.

Paralelamente à minha estadia no hostel, eu estava enviando pedidos de residência solidária através de um site chamado ‘Couchsurfing’ para variados moradores de Córdoba. Couchsurfing nada mais é do que uma rede social feita para ajudar viajantes do mundo todo, onde o anfitrião disponibiliza algum cômodo ou simplesmente parte de sua casa para hóspedes e dessa forma ajudar com os custos os viajantes do mundo. Depois de quatro dias vivendo no Macanudo, consegui um lugar para ficar por couchsurfing no apartamento de uma menina que morava sozinha. Foi então que tive minha primeira experiência com essa ferramenta de solidariedade viajante em rede.

Leandra trabalhava em uma loja de roupas em um shopping da cidade, e assim que cheguei à sua casa ela me apresentou sua morada, o local onde eu poderia dormir e me deixou suas chaves para caso eu saísse enquanto ela estava no trabalho. Tive aí um espanto positivo: fiquei maravilhado com a confiança que ela estava tendo em deixar suas chaves com um completo desconhecido, de outro país, dentro de sua casa. Senti que essa era a energia, pelo menos em sua grande maioria, dos usuários dessa ferramenta: o prazer em poder ajudar muitos que estão passando pelas terras desse vasto mundo, e saber que, uma hora ou outra, com experiências passadas ou desejos, quem acolhe hoje será recebido com os mesmos braços abertos os viajantes que passam por experiências parecidas.

Já haviam me dito antes e pude perceber que quando se viaja utilizando o couchsurfing a viagem fica bastante diferente das viagens às quais estamos acostumados a presenciar. Aqui, não necessariamente o “importante” é conhecer os pontos turísticos da cidade, isso realmente pode acontecer, mas quando utilizamos essa ferramenta temos a oportunidade de conhecer um

pouco mais além, digo, podemos de certa forma mergulhar no cotidiano de um cidadão da referida cidade visitada e assim conhecer lugares nunca imaginados ou apresentados em algum guia turístico de viagem. Em uma das noites Leandra me levou para conhecer alguns de seus amigos que também fazem parte do couchsurfing e fomos jogar boliche com outras pessoas de diferentes partes do mundo. Mesmo que muitos que estavam ali presentes não se conhecessem entre si, sendo levados por diferentes anfitriões, pude notar o cuidado em oferecer o máximo de conforto para os desconhecidos ali presentes, tornando qualquer desconforto que pudesse existir em algo banal com o clima descontraído da ocasião.

Algo que eu sempre procurei e admirava nas diferentes cidades que visitava eram as feiras de artesanatos ou trabalhos artesanais. Quando se está viajando, sobretudo sozinho, onde passamos a maior parte do tempo se entendendo/conhecendo/reconhecendo, a impressão que eu tinha era a de que nesses tipos de ambientes agente se deparava com pessoas que, de alguma forma ou de outra, deixaram a sua vida rotineira e presa de lado e se aventuraram no inconstante, no mistério de viver o agora sem ter a plena certeza de como será o amanhã. Há tanto artesãos nômades quanto os que fazem sua arte já fixados em um dado local e nas duas ocasiões a insegurança de não ter um salário fixo se contrapõe à paixão e ao sentimento de liberdade perante as algemas do mercado capitalista rotineiro. Em Córdoba, por indicação de Leandra, visitei a 'Feria de Artesanías', local até que bastante conhecido na cidade e onde passei longas horas pensando em minha vida e observando a movimentação no lugar.

Figura 1 - 'Feria de artesanías' com suas inúmeras lojas e presentes



Com minha viagem precisando ser seguida adiante minha última noite de Córdoba foi para se apaixonar pela cidade e por sua gente. Leandra me levou a um bar em que ela costuma frequentar com seus amigos e com mais dois cordobeses passamos horas conversando sobre viagens, diferentes culturas, e se conhecendo enquanto tomávamos cerveja e fernet (uma bebida alcoólica muito consumida na Argentina). Com muitos sorrisos e novas vivências, deixei Córdoba com a promessa de voltar à cidade que tão bem me recebeu.

Minha próxima cidade que tanto desejava visitar era Salta, já no norte da Argentina. Como planejado, fiz a viagem durante a noite e dessa forma pude economizar o dinheiro de uma diária de hostel. Saí de Córdoba com um novo contato de couchsurfing, dessa vez em Salta, para a data em que eu chegaria à cidade, e logo pela manhã, quando o sol ainda estava para começar a nascer cheguei à rodoviária. Como o horário combinado com Gala, a menina que me receberia, estava marcado só para o início da tarde por conta de seu trabalho, passei algumas horas dormindo nos bancos da rodoviária e logo que o sol forte começou a aparecer eu parti para conhecer um pouco o centro da cidade que eu acabara de chegar.

Comecei a me aproximar do que eu tanto buscava: o sossego do caos urbano. Embora Salta não seja uma cidade estritamente sossegada, a diferença com Córdoba e Buenos Aires é, de certa forma, gritante. Já logo que saí da rodoviária pude perceber a diferença na arquitetura da cidade. Edifícios mais baixos e mais antigos se misturavam a uma sociedade mais afastada das propagandas pulsantes das grandes cidades. Pela primeira vez, em todo o tempo que estive na Argentina, eu senti que de fato tinha mudado de cidade.

Fiquei por algumas horas em uma praça no centro de Salta, uma espécie de ponto de encontro da cidade, e ali fiquei observando sua arquitetura colonial e seu povo. Ficar naquela praça me trouxe um sentimento forte de amor às pequenas coisas, a viver sem necessitar de muito. Senhores conversavam nos bancos ao meu redor, crianças corriam por todos os lados, pessoas fantasiadas alegravam os mais pequenos e o dia seguia sem a necessidade das tecnologias da atualidade.

Se aproximando da hora de meu encontro com Gala, segui meu caminho em direção à sua casa. Gala mora em um apartamento com sua mãe e seu avô. Não foi difícil encontrar o condomínio e chegando ao local já fui recebido por sua família com grande sorriso no rosto. De prontidão me identifiquei muito com a mãe de Gala, uma das pessoas mais carinhosas que conheci na vida. Sempre preocupada em me dar o que pudesse ser de melhor, ela logo me mostrou uma cama improvisada na sala e algumas cobertas. Quando se faz couchsurfing se

imagina que o “acordo” entre o anfitrião e o hóspede se dá sobretudo na base da hospedagem solidária, mas na casa de Gala foi diferente. Sua mãe, Cristina, se preocupava bastante com minha alimentação e a todo o momento me perguntava se eu não precisava de nada. Sempre fazendo o possível para me agradar, ela me oferecia alimentação nas horas mais diversas do dia, se preocupava com o estado do banheiro que dispunha e me dava atenção a cada instante em que eu poderia dar qualquer sinal de tédio. Recebi ali um carinho que me remetia à minha família.

Assim que acomodei minhas coisas eu e Gala saímos para que ela me apresentasse alguns pontos em que ela achava interessante conhecer na cidade. De início ela me levou à praça central ao qual eu havia conhecido na manhã daquele mesmo dia e, durante a noite, a praça encontrava-se ainda mais linda. Por ser mês de natal ela estava toda iluminada e em volta da praça havia muitas luzes dos comércios locais, restaurantes e os músicos na rua. O movimento durante a noite também parecia ser maior comparado com a manhã e dali seguimos para o mercado municipal da cidade para que eu pudesse conhecer um pouco mais do povo local e sua comida. Gala me dizia que eu tinha que provar as empanadas de Salta, que segundo ela eram as melhores da Argentina. Empanadas são uns pastéis muito consumidos na Argentina, em qualquer restaurante ou padaria se encontra para vender, e podem ser servidos tanto fritos quanto assados. É tão comum se comer e encontrar empanadas na Argentina que aqui no Brasil seria equivalente à nossa coxinha. Gala me dizia que a origem das empanadas é de Salta, e por esse mesmo motivo em alguns lugares elas são encontradas com os nomes de salteñas. Mais para frente, quando estive na Bolívia, sempre me deparava com salteñas sendo vendidas na rua, nesse caso em caixas de isopor, e sempre me lembrava da conversa com Gala.

Com a aglomeração de pessoas no mercado público Gala decidiu me levar a um restaurante que segundo ela seria o melhor lugar para se comer as verdadeiras empanadas salteñas. Foi engraçado meu primeiro contato com o local, era como uma pracinha a céu aberto, com vários pequenos restaurantes ao redor fechando o local. Assim que chegamos à pracinha pra escolher o lugar para sentar, mulheres de todos os restaurantes nos perseguiram implorando pela clientela e nos empurrando seus respectivos menus. A concorrência ali era enorme e os gritos das mulheres causavam risos a todos que presenciavam. O interessante foi notar que à medida que mais clientes iam chegando os restaurantes que iam ficando com menos clientela ganhavam a vez. Se não há a preferência de restaurante por parte do cliente, uma espécie de regra parece que se estabelecia entre os trabalhadores ali.

Passamos um tempo comendo as empanadas - realmente as melhores empanadas que comi - e tomando a cerveja local, com o mesmo nome da cidade, e saímos para dar uma volta pela cidade e em seguida regressar a casa. Eu não podia imaginar o tamanho do presente que Salta estaria me proporcionando em alguns minutos. Com uma bela lua iluminando uma Salta noturna e bem arejada, Gala decidiu voltar por outro caminho, por um calçadão envolto de árvores e bem iluminado. Caminhávamos conversando quando, bem baixinho, começamos a ouvir um som de música, pessoas alegres, e à medida que chegávamos mais perto notava-se um som de cavaco e pessoas dançando. Depois de quatro meses sem ouvir música brasileira ao vivo, Salta presenteou minha primeira noite na cidade com um bom samba brasileiro.

Figura 2 - Argentinos sambando em Salta



Acredito que quando se está há um tempo longe do país de origem - do qual somos habituados, vivemos, nos criamos e conhecemos - passamos a dar mais valor e a perceber o quanto a nossa própria cultura é rica, bem como nossa música e comida. Sentimos falta daquilo que sempre esteve em nosso dia a dia, mas nunca percebemos por já estar impregnado em nossa cultura desde que nascemos. Foi assim com os sucos naturais, por exemplo. Na Argentina não encontrei à venda sucos naturais, nos restaurantes, por exemplo, não se encontram sucos naturais que não sejam de laranja, e até mesmo esses são muito diferentes dos sucos de diversas frutas existentes no Brasil, inclusive do próprio suco de laranja. Em todo o momento de minha viagem, desde minha estadia em Buenos Aires até o final do trajeto, passei a valorizar muito a oportunidade desses sucos no cardápio brasileiro. Com o

samba naquela noite de Salta foi algo parecido, não porque eu não o valorizava, muito pelo contrário, sempre gostei muito, mas porque depois de um período sem ouvir e sentir a alegria que o ritmo brasileiro proporciona, voltar a vivenciar um pouquinho do ritmo contagiante brasileiro veio como uma glorificação para a alma. O riso e o sentimento de alegria com a surpresa dessa noite foi tão grande que até mesmo os argentinos com seu samba desengonçado era motivo de orgulho.

Sem perder a essência pela busca por lugares ou momentos em que eu pudesse estar sozinho e pensar em minha vida, Gala e Cristina me sugeriram ir visitar Cafayate, uma cidade próxima da cidade de Salta. Segundo elas, o mais bonito de Cafayate não é a cidade em si, mas sim o caminho para se chegar a ela. Logo pela manhã peguei um ônibus e fui até a cidade. Montanhas vermelhas se mesclavam à cor da terra da estrada e deslumbravam meu coração desconhecedor de belezas até então inéditas. Eu me sentia um menino olhando para a paisagem pela janela do ônibus e virando o pescoço para não perder qualquer registro no olhar. Podia sentir ali a transformação brusca da mudança na paisagem com os lugares que havia visitado, e então pude perceber o por quê de o norte da Argentina ser tão comentado por suas belezas e povos.

Figura 3 - Trecho de estrada que liga Salta a Cafayate



Cafayate é uma cidade pequena e pacata, bem característica das cidades do interior, e ao seu redor notam-se inúmeras montanhas. Chegando ao centrinho da cidade, onde embora

se aparentasse uma cidade bem tranquila havia bastantes turistas, vi um local de aluguel de bicicletas e não pensei duas vezes em alocar uma. Passei o dia em Cafayate na companhia da bicicleta, minha única companheira durante todo o dia. Passeando por várias ruas da cidade me perdia olhando para a beleza natural de suas montanhas. Com uma caixinha de suco e um pacote de biscoito comprados em um mercadinho de uma de suas ruas, sentei ao lado da bicicleta em uma guia qualquer e ali permaneci até o anoitecer vislumbrando o cenário onde eu estava até retomar o ônibus de volta a Salta já anoite.

Dediquei outros dias em Salta para conhecer um pouco do que a cidade tem a oferecer. Em um dia nublado fui caminhando desde a casa de Gala até o mirante da cidade, conhecido como ‘Cerro San Bernard’, local onde dediquei algum tempo observando toda a cidade enquanto a chuva dava início com seus pingos. Embora minha situação figurasse solitária e longe dos amigos e familiares, o panorama exterior melancólico do momento se contrapunha ao meu interior radiante e aprendiz. Visitei também o ‘Museu de Arqueologia de Alta montanha MAAM’, um museu onde se localizam três múmias de crianças incas descobertas no alto do monte Llullaillaco, na fronteira da Argentina com o Chile, que estão em excelente estado de conservação graças à baixa pressão e ao frio do alto da montanha. Além das múmias, foi possível visualizar objetos e conhecer algumas tradições incas que me fez pensar um pouco mais afundo sobre a historicidade e riqueza cultural que a América Latina carrega em suas vivências e memórias.

Despedi-me de Salta com um belo jantar com a família de Gala em sua casa. Conheci seus tios e aprendi um pouco da história de Salta, das imigrações bolivianas – a feição dos argentinos do norte do país é muito parecida com a boliviana - ganhei um pouco de folhas de coca para minha estadia na Bolívia e acima de tudo ganhei uma família no norte da Argentina.

O norte da Argentina é caracterizado pela presença de alguns povoados muito próximos uns dos outros, e então segui minha viagem para conhecer um pouco dessas cidades e assim entrar na Bolívia. Peguei um ônibus de Salta rumo à Tilcara e assim que cheguei ao terminal se notava a discrepância que tem com uma capital. Tilcara parece que parou no tempo e suas estradas de terra branca com suas casinhas simples e de tonalidades quentes me fazem associar o norte da Argentina com um quadro pintado basicamente na paleta de cor bege.

Figura 4 - Vista do terminal de Tilcara



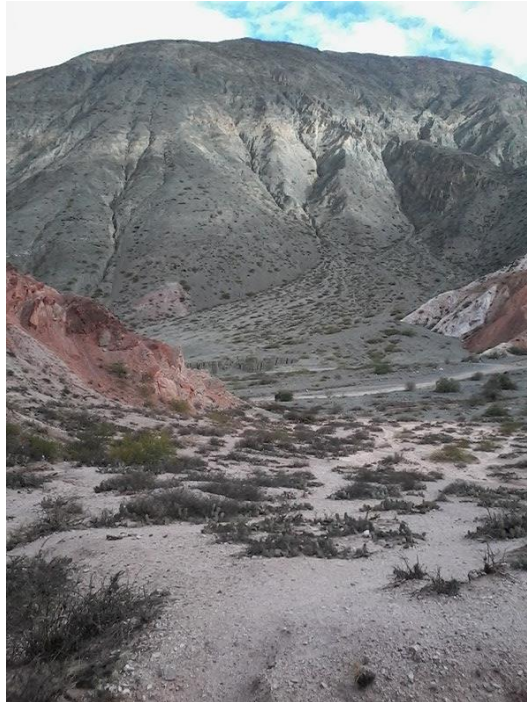
Como eu imaginava que a partir desse momento da viagem eu não conseguiria mais fazer couchsurfing por conta já do número de habitantes das cidades, pela própria cultura ou contato com a internet, assim que desci na cidade já busquei um hostel não muito longe e acessível aos custos. Nessa minha breve caminhada pude notar os pequenos povoados que vivem aos arredores, a simplicidade da vida sem tecnologias. Ali, a tecnologia é desnecessária e os contatos pessoais são literalmente mais reais. Senti que definitivamente eu estava longe da aglomeração urbana e a paz de espírito já começava a reinar.

Encontrei um hostel simples e tranquilo, eu era o único presente ali no momento que cheguei, com exceção da dona. Perguntei a ela sobre atividades que ela me sugeriria fazer pela região e recebi como resposta ir até uma cidade vizinha, alguns minutos de ônibus, chamada Purmamarca e ali fazer o ‘Paseo de los colorados’.

Purmamarca é uma vila andina ainda menor que Tilcara e possui algumas pouquíssimas ruas, com uma praça na região central onde se encontram inúmeras lojas e feira de artesanato. Passei um tempo olhando os diferentes trabalhos artesanais e era intrigante reparar na forma com a qual os nativos nos olhavam de volta. Imagino que com a quantidade de turistas que frequentam a região todos os dias, para mim parecia que seus olhares carregavam uma mistura de “colonizador x colonizado” com “diversão x sobrevivência”, não importando o motivo ou classe social aparente dos viajantes.

De maneira tranquila foi rápido conhecer toda a pequena cidade de Purmamarca, e logo fui à procura do Paseo de los colorados. Andei até o final de uma pequena estrada, uma das poucas ruas que a cidade possui, e cheguei até um cemitério. Perguntei sobre o Paseo de los colorados a um trabalhador que estava ali presente e ele me disse que era só eu passar por dentro do cemitério que eu chegava a ele. Fazia bastante sol naquele dia e o colorido das flores dos túmulos era como uma preparação para a natureza seguinte. No final do cemitério já me deparava com a beleza monumental de gigantes montanhas coloridas. Montanhas que variam do verde ao rosa, passando pelo laranja ao acinzentado, a saída do cemitério dava no meio de morros com cerca de 70 milhões de anos formados por restos de sedimentos de mares, rios e lagos, misturados e jorrados para fora da terra por movimentos tectônicos.

Figura 5 – Trecho de caminho no 'Paseo de los colorados'



Ventava bastante e a sensação era de inexistência perante o vasto mundo. Montanhas para todos os lados, até mesmo quando se olhava para baixo. Esse foi o primeiro ponto da viagem onde eu pude me isolar de qualquer energia externa, a não ser a da natureza que me rodeava e conectá-la com a de meu interior. Eu estava definitivamente isolado da civilização e assim caminhei por entre as montanhas que pareciam pinturas em um mundo real e escalei até o topo de uma delas. O vento era bastante forte e ali permaneci, no alto do morro, com minha mochila nas costas e longe dos meus amados.

Figura 6 - Vista do alto de uma montanha no 'Paseo de los colorados'



Um sentimento de pureza tomou conta de meu coração e o isolamento, para mim, se transformou em um portal para o que senti como o mais profundo de mim. Encontrei com a leveza de apenas ser o que o presente proporciona. Não há espaço para o mal, a raiva ou a inveja. O grande prazer da vida é desfrutar da simplicidade do agora. Em momentos assim pude perceber que a sociedade em que vivemos está intoxicada; intoxicação que nos penetra e não é percebida. Eu sentia a liberdade que jamais antes havia sentido e finalmente o ar que entrava em meus pulmões era mais puro. Caminhei por entre os morros até o anoitecer e depois de um dia revigorando meu espírito peguei um ônibus de volta a Tilcara para me preparar pra entrar na Bolívia.

Logo na manhã do dia seguinte fui para La Quiaca, a cidade argentina que faz fronteira com a boliviana Villazón. Atravessei a fronteira e foi bastante curioso meu primeiro contato com a Bolívia. Muita gente me dizia que as ruas bolivianas são um caos e que os bolivianos almoçam ali mesmo, nas calçadas. Já na primeira rua de Villazón me deparo com a multidão de gente nas calçadas. Parecia que minha busca pela tranquilidade externa caminhava como uma montanha-russa, porém, minha paz interna caminhava em um ritmo crescente e linear, onde os fatores externos começavam a fazer menos efeitos à medida que me aproximava de um equilíbrio interior.

Passando pela única rua que dá entrada para a cidade, cheia de lojas de presentes, casas de câmbio e fluxos de carros e pessoas, fui direto ao terminal rodoviário para comprar passagem para Uyuni, local onde se encontra o maior deserto de sal do mundo e um dos lugares que mais queria conhecer em minha viagem. Cheguei à cidade por volta do horário de almoço e a hora da viagem estava marcada apenas para o final da tarde. Deparo-me aí novamente com a concorrência pela preferência dos clientes, nesse caso, dos passageiros. Todas as poucas empresas que saíam para Uyuni tinham seus horários de viagem com os mesmos horários de partida, mas quando fui a uma agência em específico a senhora da companhia de ônibus me disse que o ônibus chegava a Uyuni por volta do início da madrugada, entre meia-noite e uma hora da manhã, e que sendo assim, era possível, conforme vontade do passageiro, dormir no ônibus que ficaria parado durante a noite no destino específico da cidade. Não pensei duas vezes em comprar a passagem na empresa e economizar com o dinheiro de uma noite de hostel.

Deixei minha bagagem encostada na agência e, como restava bastante tempo para o horário da viagem, resolvi caminhar pelas redondezas e procurar algum lugar para almoçar. Comecei a notar os inúmeros vendedores ambulantes com seus carrinhos - parecidos com os antigos carrinhos de sorvete que circulavam nas cidades aqui no Brasil - de variadas comidas em meio às ruas. Batatas fritas, carnes, salsichas, frango, doces que nunca havia visto eram vendidos em longa escala nas ruas. Até mesmo o suco era curioso, eram servidos em pequenas sacolas de plástico onde é necessário segurá-la fechando-se suas pontas e então tomá-lo por um canudo. Notei uma nova cultura, diferente da qual estou acostumado no Brasil, pelo menos na forma e quantidade em que esses vendedores se disponibilizam na cidade com suas mercadorias. Quando encontrei um restaurante para almoçar percebi que também é bastante comum servirem sopas antes das refeições, como uma espécie de entrada para o prato principal. Essas novidades de início sempre me causavam estranheza.

Após o almoço resolvi esperar pela hora da viagem no próprio terminal e como faltava muito tempo me sentei em uma calçada e por ali fiquei observando todo o movimento que acontecia. Pela primeira vez vi e me deparei com as conhecidas "cholas" na Bolívia. Cholas são as mulheres que se vestem de maneira muito característica no país, sempre com longos cabelos divididos em longas tranças e seus chapéus. Elas representam a força da tradição indígena boliviana e encontrá-las em todos os cantos na Bolívia era perceber o quão forte é o orgulho dessas mulheres em representarem cotidianamente suas raízes, independente do espaço geográfico e tempo. O curioso é pensar que eram sempre elas, ou na grande maioria

dos casos, quem estavam por trás dos inúmeros carrinhos de comida com seus comércios informais, quando não as crianças, que claramente seguiam a tradição de suas mães.

Por fim o ônibus para Uyuni chega ao terminal e logo percebo a diferença no tipo de transporte com a Argentina, de onde eu acabara de sair, ou mesmo com o Brasil. Ouvia que as estradas e os ônibus na Bolívia não eram dos mais seguros e minha curiosidade em conhecer tudo o que a Bolívia oferecia só aumentava. Diferente do que eu imaginava ou estava acostumado nas viagens, chega ao terminal um micro-ônibus bem antigo e todo sujo. Confesso que adorei e achei engraçado quando o vi pela primeira vez e logo fui entregar minha bagagem que, assim como todas as bagagens dos outros passageiros, eram colocados à cima do transporte e amarrados todos juntos por uma corda que os pressionavam e fixavam contra a superfície em que estavam. Eu não parava de imaginar que aquelas mochilas cairiam no primeiro caminho mais sinuoso da viagem.

Enquanto eu estava na fila para entrar no micro-ônibus conheci duas argentinas, Sol e Florência, que também estavam indo para Uyuni e pensavam em seguir viagem subindo a Bolívia até o Equador. Nesse momento não poderia imaginar, mas elas também foram grandes amizades que fiz no caminho. Escolhi minha poltrona - todas muito antigas e sujas - e assim me acomodei esperando pela partida. Entravam no micro-ônibus estrangeiros e bolivianos, pessoas e animais. Notei que uma menina havia entrado com seu cachorro ainda pequeno e percebi que não havia restrições para a realização da viagem. Parecia que eu estava em uma viagem clandestina cuja sensação só se acentuou com o pedido, já no decorrer da viagem, para que fechássemos as cortinas das janelas quando estivéssemos passando em frente a um posto policial.

O caminho para Uyuni era bastante tenso. Passando por montanhas e estradas pouco seguras, todo o trajeto era realizado em meio a incontáveis curvas e precipícios. Soma-se a isso a alta velocidade com que o motorista conduzia o veículo. Embora a situação da viagem pudesse parecer assustadora, a feição dos bolivianos era tranquila. Sentado sozinho em uma poltrona na janela e experimentando um pouco de queijo de cabra que uma boliviana ofereceu a Sol, eu não parava de rir de tudo o que eu estava vivenciando, enquanto o rádio do micro-ônibus tocava música boliviana em alto volume e o transporte pulava de um lado para o outro com os buracos e obstáculos da estrada. Olhando para o céu estrelado eu estava realmente adorando tudo aquilo.

Chegamos a Uyuni já no início da madrugada e fazia muito frio. Perguntei a Sol e Florência se elas também dormiriam no ônibus e elas disseram que sim. Os passageiros começaram a se retirar do veículo e ficamos lá, enquanto o micro-ônibus se encontrava estacionado em uma rua qualquer. Notei que o motorista e mais algum ajudante começaram a se ajeitar para dormirem na parte da frente do veículo. As poltronas eram bastante desconfortáveis e pequenas, que somadas ao frio que fazia no horário, me fez encolher de forma a preencher duas poltronas e assim ficar parcialmente deitado, ajudando também na proteção ao frio.

Ainda era bastante cedo quando o motorista começou a ligar o motor e dessa forma nos passando a ideia de retirada do micro-ônibus. O sol estava começando a raiar e juntamente com Sol e Florência, fomos ao centro da cidade buscar as formas de se chegar ao deserto de Uyuni. Notei que são inúmeras as empresas que fazem o tour ao deserto, que variam de um a dois ou três dias, e a concorrência entre as agências são acirradas. Conforme o sol ficava mais forte as ruas de Uyuni começavam a aglomerar de gente. Há muitos turistas na cidade, de toda parte do mundo, e logo pude perceber que há variações na negociação dos preços entre os clientes, mesmo em se tratando da mesma empresa. Percebi que muitos estrangeiros que não tinham o espanhol com tanta fluência estavam fazendo tours mais caros do que eu e as argentinas, e normalmente esses turistas não são latinos. A ganância entre as agências ali era forte e eles não pareciam nada confiáveis.

As excursões eram realizadas em Jeep com capacidade para sete pessoas. Escolhi o tour de um dia por além de economizar com dinheiro, as outras excursões de dois ou três dias eram bem mais caras, e no tour de um dia eu já conheceria o deserto, que para mim era o ponto principal de todo o percurso. Era um dia bem ensolarado e durante todo o tempo fazia bastante calor. São muitos os carros que saem para o tour, mas como o Salar possui mais de dez mil quilômetros quadrados era possível manter uma distância relativamente grande dos demais carros.

O Salar de Uyuni é algo realmente magnífico e sua imensidão é extraordinariamente encantadora. Realizava ali um desejo que há muito tempo era sustentado por imagens virtuais. Eu de fato estava no Salar de Uyuni e ele era ainda mais bonito do que eu imaginava. Mas não bastava guardar sua beleza na memória ou provar um pouco do seu sal, eu precisava senti-lo com mente e alma. Passei o dia conhecendo os lugares disponibilizados no tour e embora eu estivesse em um pequeno grupo de pessoas eu necessitava de um isolamento para comigo, um

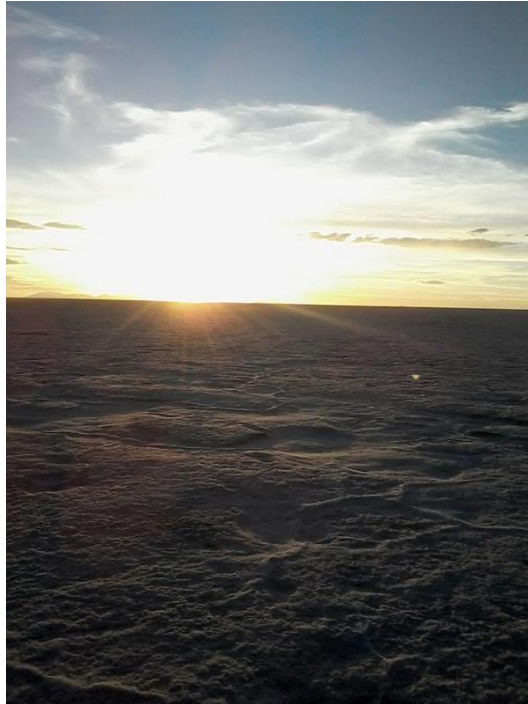
processo que se encontrava em contínua construção, de algo que fora sido iniciado em Buenos Aires e bastante praticado em Purmamarca, eu buscava situações oportunas onde eu pudesse aliar o exterior e meu interior, e assim fazer autorreflexões e conseqüentemente buscar um autoconhecimento.

Figura 7 - Chão do deserto de sal



Já chegava a hora do pôr-do-sol e tivemos uma última parada, e para mim, o melhor momento de todo o dia. Eu estava em uma planície sem fim de sal onde as únicas pessoas visíveis ao nosso redor eram as pessoas que estavam no mesmo carro que o meu. Enquanto o pessoal que estava no Jeep fazia pose e tiravam inúmeras fotos eu me isolei, fui para longe da euforia dos que dividiam o dia comigo. Os raios de sol tornavam-se cada vez mais fracos e eu estava ali, olhando-os fixamente em completa devoção. Sinto que foi aí uma referência primordial para a prática da meditação e yoga que busquei depois da viagem. Durante minutos me fixei em toda energia que aquela luz me presenteava até o momento que o Sol sumiria, ali, no infinito do chão, como jamais havia visto. Sem dúvidas o pôr-do-sol mais bonito e marcante que já vi em minha vida.

Figura 8 - Pôr-do-sol no Salar de Uyuni



Voltei para o centro da cidade com as argentinas e logo fomos buscar um hostel para passar a noite depois de um dia bastante intenso. Uyuni fazia bastante frio e logo pela manhã saímos para dar continuidade à viagem. Compramos passagem para Potosí, e o curioso foi que, enquanto eu esperava a saída do ônibus, encontrei uma chola vendendo empanadas no caminho (de mesmo formato, mas com gosto diferente das empanadas que comi na Argentina) em caixas de isopor e escritas como “salteñas”, fazendo-me lembrar da cidade de Salta e confirmando uma, de todas as histórias que havia escutado enquanto estive na cidade, sobretudo da origem do salgado.

Lembro-me que o caminho de Uyuni para Potosí era lindo, não pela estrada em si, mas por sua paisagem. Eu que sempre fui um adorador de montanhas desde minha infância tive a oportunidade de passar por dentro das inúmeras que compõem o continente, cada uma com sua singularidade e beleza. A lembrança que mais me vem à cabeça quando me lembro desse trajeto é a de montanhas completamente amarelas pelas flores da primavera que davam um colorir único à natureza. Vista da janela do ônibus era como se eu estivesse à frente de diferentes quadros que se formavam a cada minuto.

Confesso que assim que cheguei à Potosí eu não me animei com a cidade. Talvez pelo tempo nublado e a predominância do cinza na região do terminal de ônibus não me causaram a primeira boa impressão da cidade. Logo que saí do ônibus me despedi de Sol e Florência,

que iriam para La Paz, e ficamos na promessa de nos encontrarmos pelo caminho em algum momento da viagem. Embora existissem muitas pessoas nas ruas de Potosí, a “cor sem vida” da cidade era muito discrepante do colorido alegre que eu vivenciara em Uyuni e ainda estava bastante latente dentro de mim. Dormi apenas uma noite em Potosí, não me dei a oportunidade de conhecer seus pontos fortes, e logo no outro dia já estava embarcando para Sucre. O curioso que vivi em Potosí foi, no alto de uma sede que me tomava conta, comprar um refresco de maçã com quinoa de uma chola que fazia seu comércio informal em uma rua da cidade e perceber depois de comprado que o tal refresco era servido quente e seu gosto não era lá o dos que eu imaginava. As diferentes culturas e variações da linguagem são um dos pontos de maior aprendizagem no que se refere ao abarcamento de novas vivências.

Sentado do lado de fora do ônibus enquanto o esperava partir à Sucre conheci uma das pessoas que mais tempo estive ao meu lado em minha viagem. Bruno é um argentino recém-formado em uma universidade de Rosário que iniciou uma viagem pela América Latina antes de ingressar no mercado de trabalho. De início nos demos muito bem e tínhamos bastante conversa em comum, ele era um adorador de cinema e nossas conversas de política e música rendiam boas trocas de conhecimento. Diferente de mim, Bruno saiu para sua viagem com listas de pontos turísticos a se conhecer nas cidades que visitaria e minha estadia em Sucre foi basicamente conhecendo alguns desses pontos, que iam desde o hostel ao qual nos hospedamos durante todo o período em Sucre até lugares que estariam presentes em qualquer guia turístico da cidade. Dessa forma conheci alguns museus como a ‘Casa de la libertad’, que trazia um pouco da história dos libertadores da América com visitas guiadas e o ‘Museo de Arte Indígena ASUR’ com trabalhos artesanais de diferentes grupos indígenas em diferentes épocas, o ‘Convento de San Felipe de Neri’ com seu terraço aberto aos visitantes e que, assim como a região central de Sucre, possui uma arquitetura colonial de onde se pode ver grande parte do seu centro histórico e o ‘Mirador de la Recoleta’ com sua vista privilegiada da cidade de Sucre.

Algo que eu sempre buscava e gostava de fazer nas cidades em que eu visitava era conhecer o seu mercado público. Acredito que conhecendo os mercados públicos das cidades estamos realmente conhecendo o seu povo e a sua comida. São nesses lugares onde se encontra a classe trabalhadora que não se importa ou vive da aparência, do ego. É o povo trabalhando pelo/com o povo.

Foi no mercado de Sucre que tive meu reencontro com as mais variadas frutas e distintas formas de comida, desde as naturais até as não tão saudáveis. Bruno me dizia que havia uma comida na Bolívia chamada “salchipapas”, uma mistura de batatas-fritas e salsichas fritas picadas e colocadas em um pequeno pote com diferentes tipos de molho e pimenta. Uma refeição simples cujas filas pra se comer eram de invejar qualquer outra do mercado. De início essas “salchipapas” estranhamente me pareceram uma das comidas mais maravilhosas que poderia existir, acho que pelo seu pouco valor de compra misturado com a grande propaganda de Bruno, mas mal poderia imaginar que só de me lembrar desse “prato típico” no futuro eu ficaria enjoado.

O mercado público de Sucre é a lembrança mais gostosa que tenho da cidade. Pelo menos a mais vivida. Seu caos movimentado e seu cheiro, característicos de todos os mercados públicos, me levavam pra próximo do povo e da comida boliviana que é comercializada no lugar. Eu sentia a tradição de comidas típicas e familiares dos que ali trabalhavam e me fizeram diariamente frequentar o ambiente em busca de contato com uma nova cultura que até então eu desconhecia.

Saí de Sucre com destino à Cochabamba, uma cidade que muito me falavam de suas festas. Como eu não tinha a menor intenção em frequentar festas, passei pela cidade simplesmente como forma de seguir o caminho de minha viagem. Lembro-me de ainda no terminal de Sucre ficar em dúvida entre Cochabamba e Oruro, ambas próximas de La Paz (embora a cidade mais populosa da Bolívia, tinha como ideia passar brevemente pela cidade como forma de conhecimento) e acredito que por já ter escutado alguma coisa a respeito de Cochabamba, ela foi o destino escolhido.

Cochabamba foi a cidade em que menos tempo fiquei, cerca de apenas algumas poucas horas. Chegamos à cidade ainda no início da manhã e logo no terminal comecei a sentir um pequeno desconforto: uma incômoda dor de cabeça e um leve enjoo. Como não esperávamos fazer muitas coisas na cidade, e para mim ela aparentemente não oferecia nada do que eu buscava no momento, eu e Bruno demos uma pequena volta pelo centro e compramos a passagem para La Paz no horário do almoço. Na volta ao terminal da cidade e prestes a seguir viagem, minha dor de cabeça já estava piorando.

A ida para La Paz foi o pior momento de toda minha viagem. Ali, concentraram-se inúmeros fatores negativos que tornaram essa experiência específica desastrosa. Eu estava em um ônibus velho, passando muito mal e uma gritaria tomava conta do ônibus. Como La Paz se

encontra a mais de 3500 metros de altura, sinto que à medida que eu me aproximava da cidade meu mal estar piorava. Somado a isso, a lembrança das “salchipapas” me embrulhavam o estômago e a náusea tomava conta de meu corpo. Era sabido que a altitude na Bolívia causava mal-estar em muitos viajantes e que por esse motivo era sempre bom estar mascando folhas de coca (como havia me dito e presenteado a família de Gala) ou tomar algumas pílulas específicas contendo, em sua composição, ácido acetilsalicílico, cafeína e salófenos, para o mal de altura. Mas eu não poderia imaginar o quão mal eu ficaria nesse trajeto. À medida que a viagem seguia meu corpo começava a ficar mais quente e a febre passava a tomar conta. Eu me contorcía com o frio e a náusea que sentia; e em pouco tempo o delírio dava os seus sinais. Não me esqueço das crianças bolivianas que estavam sentadas atrás de mim e que não paravam de chutar o banco, minhas forças para qualquer reação ou atitude eram nulas e tudo o que eu desejava era que aquilo tudo terminasse. Entre uma acordada e outra de cochilos pingados o mesmo filme de arte marcial em *looping* na televisão do ônibus era como um pano de fundo de um pesadelo que não tinha fim.

Sempre me lembrava de meus pais e família em meio a um delírio e outro. Eu não sabia em que local especificamente eu me encontrava, sem amigos ou pessoas confiáveis ao lado e longe de minha língua natal. A única coisa que eu pensava era em não contatar minha mãe e familiares para que não ficassem com maiores preocupações. Lembro-me de pedir a Bruno um pouco de suas folhas de coca para mastigar uma vez que as minhas tinham ficado dentro de minha bagagem na parte inferior do ônibus. Mastiguei o quanto eu suportava, mas sem maiores sucessos. Cheguei à La Paz já pela noite, sem ideia do horário e tudo o que eu tenho de lembrança são pequenas memórias de um terminal lotado, eu na parte de trás de um táxi e um hostel parecido com um cortiço com suas paredes verdes.

La Paz foi uma das cidades que mais tempo fiquei hospedado, cerca de sete dias. Grande parte desses dias que fiquei na cidade foi por conta da recuperação que não me permitia ter condições físicas para encarar a estrada. Em minha primeira noite no hostel de La Paz pedi a Bruno uma de suas pílulas em busca de alguma melhora. Lembro que acordei no dia seguinte mais disposto que a noite anterior, e com o passar dos tempos eu continuei me automedicando de forma a criar energia e força o suficiente para continuar a viagem. Os dias em La Paz eram massivos e estressantes, a cidade mais populosa do país era diferente de tudo o que eu buscava e parecido com tudo o que eu repudiava. Uma cidade completamente caótica, multidões de carros e pessoas na rua, poluição sonora e visual por todos os cantos. Como é de costume na Bolívia, é muito comum as refeições serem feitas nas próprias

calçadas - em grande parte pelos trabalhadores do comércio ambulante - e em todas as esquinas da cidade frequentemente se encontravam restaurantes vendendo frangos fritos. As ruas de La Paz cheiravam a fritura e suas comidas não me deixavam perambular pela cidade sem sentir náuseas.

Fazendo alguns passeios que a capital boliviana oferecia como teleféricos e suas vistas deslumbrantes ou seu mercado público, o que mais gostava em La Paz era o seu 'Paseo de las brujas', uma feira gigantesca de uma das ruas do centro da cidade onde eu pude me fascinar com a enorme variedade de artesanatos e encontrar diferentes viajantes, cada um com seu motivo de viagem e história de vida. Terminada a minha recuperação e já em vésperas de natal, eu e Bruno partimos para Copacabana, uma cidade que faz fronteira com o Peru e um lugar de onde saem os barcos para a Ilha do Sol, uma ilha conhecida por sua beleza e banhada pelas águas do lago Titicaca.

Um micro-ônibus fazia o trajeto La Paz – Copacabana e rapidamente sua lotação se efetivou completamente por viajantes. No caminho para Copacabana se podia ver as águas do lago Titicaca ao fundo, na natureza, e sua cor azul turquesa era algo diferente de tudo o que eu já havia visto antes e facilmente atraía a atenção de todos que estavam ali presentes. Era notável a grande quantidade de viajantes argentinos presentes no micro-ônibus e logo eles se reuniram e começaram a se confraternizar. Como nesse momento da viagem eu estava com Bruno, nos juntamos aos demais grupos e chegando à Copacabana fomos todos em busca de um local para nos hospedar.

Comecei a notar em Bruno uma diferença de comportamento com a presença dos novos argentinos. Seja por reencontrar pessoas de sua nacionalidade ou por qualquer outro motivo, o Bruno que agora eu conhecia era diferente, falava mais, fazia piada demais e me agradava de menos. Da mesma forma que eu saí de Florianópolis fugindo de uma rotina que me incomodava, essa fuga também estava presente nas cidades visitadas e em pessoas conhecidas. Essa mudança perceptível que eu sentia em Bruno me apresentava uma pessoa diferente de mim e logo já queria me desfazer de sua companhia na viagem.

Seria noite de natal e em meio a esses grupos de argentinos havia um de três meninas porteñas, as quais uma, a Casandra, me dei muito bem. Embora todos tenham se juntado, cada grupo tinha algo em específico que gostaria de fazer na noite de natal em Copacabana, e eu me juntei às três meninas argentinas a fim de realizar a ceia natalina. Acostumado a passar a noite de natal em família, essa foi a primeira de toda minha vida em que passei longe de

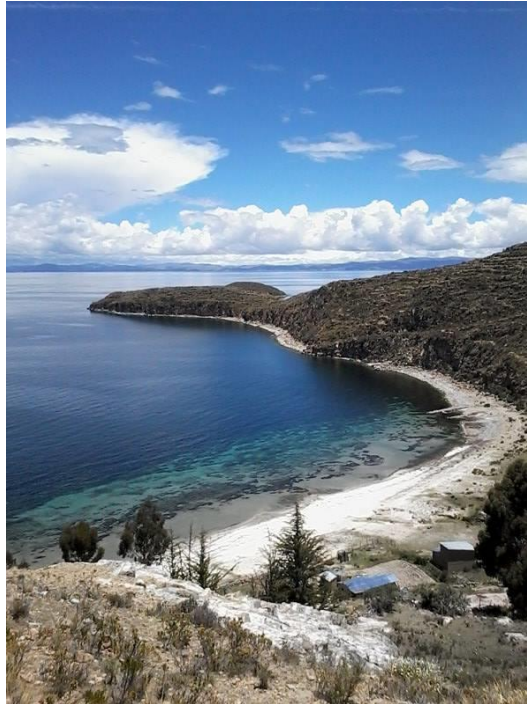
minha mãe. Copacabana – uma cidade pequena com cerca de 3000 habitantes - estava linda, sua iluminação noturna com a presença de inúmeros viajantes e trabalhadores receptivos na rua tornavam a noite e o local mágicos.

Eu e as argentinas fizemos a ceia natalina em um restaurante comendo peixe e tomando cerveja. Conversamos sobre nossos estudos, motivos que nos levaram a viagem e o riso e a leveza eram naturais. Casandra é mais uma daquelas pessoas que encontramos nos caminhos da vida cuja energia e sintonia se encontram e se aproximam. Bastante comunicativa, pude aprender e trocar com ela histórias e experiências muito acrescentadoras e positivas nas formas de ver e levar a vida.

Após a ceia saímos a dar uma volta pela cidade e notamos que havia um grande grupo de pessoas em volta de uma fogueira nos entornos do centro de Copacabana e partimos a nos agregar com os demais. Por surpresa minha, eram todos ou em sua imensa maioria viajantes, de diferentes lugares e de diferentes grupos, todos juntos e se confraternizando. Era como uma família, e mesmo que todos ali presentes não se conhecessem estávamos nas mesmas circunstâncias e compartilhando a data festiva. O clima era bastante agradável e a situação de ter pessoas por perto era satisfatória. Embora eu não seja religioso, era impossível não me lembrar de minha mãe e imaginar como ela estava passando e festejando a data. Durante todo o tempo na Bolívia o acesso à internet era escasso e eu não o buscava com muito empenho, mas nesse natal em específico o uso dessa tecnologia traria um calor a mais ao meu coração já saudosista com o sorriso e abraço de pessoas próximas e amadas.

De Copacabana saem os barcos para a Ilha do Sol, e juntamente com Casandra e outros argentinos pegamos um barco para conhecer a ilha tão comentada. Costumo pensar na Ilha do Sol como um paraíso. Por volta de três horas navegando pelo lago Titicaca, um dia lindo e ensolarado é o cartão de boas vindas ao local. É impossível não se impressionar com a beleza das águas do lago Titicaca que a rodeia e enquanto os argentinos que me acompanhavam se fixavam a pontos para descansar, eu saí pela ilha com o intuito de desbravá-la e conhecê-la.

Figura 9 - Vista do lago Titicaca na Ilha do Sol



Acabei por conhecer Igor, um francês que viajava pela América Latina cujo seu último destino seria o Brasil, para então regressar ao seu país. Igor é um rapaz bastante humilde e muito inteligente. Conhecedor de várias línguas, inicialmente se aproximou de mim para melhorar seu português. Ele já conhecia bem a língua e passei a ensiná-lo, a pedido dele, algumas palavras e expressões coloquiais. Nos demos muito bem e conversamos durante todo o tempo, desde música e literatura a relacionamentos humanos, o que me foi muito enriquecedor e me fez aprender bastante.

Mais para o final da tarde eu, Igor, Casandra, Bruno e todos os outros viajantes que estavam aos arredores partimos a encontrar um local onde se pudesse passar a noite e começamos uma caminhada pela ilha. Após um tempo caminhando encontramos um local bem isolado e próximo a orla das águas, como uma praia deserta, onde se podia ver algumas barracas e outros viajantes. Fomos de encontro a esses viajantes e fomos muito bem recebidos.

Passei apenas uma noite na Ilha do Sol, e quando penso em momentos marcantes e que mais me tocaram em toda a viagem, essa noite foi a mais intensa e especial. Estávamos ao todo em torno de umas vinte pessoas e iniciou-se o anoitecer. Enquanto uma fogueira era iniciada nas areias do lago as estrelas começavam a dar seus sinais. Havia um violão entre as pessoas e todos se reuniram em volta da fogueira enquanto o céu era revestido por um lindo

tapete de luz estrelado. O barulho das ondas ao fundo e as canções, em sua quase totalidade na língua espanhola, harmonizavam o clima de união. Algumas pessoas ali tinham alimento, outras (eu me incluo) não, e logo uma voz deu a ideia de unirmos as comidas e dessa forma compartilhar com todos. Com uma grande fogueira e duas simples panelas, uma contendo macarrão e a outra contendo alguns legumes picados, passava-se o jantar de mão em mão se revezando na roda em volta da fogueira e a preocupação em saber se todos ali se alimentavam era da mais pura bondade. Naquele momento eu percebi que não se precisava de muito para uma felicidade sincera, que o apego que criamos aos nossos bens e a nossa imagem nada mais é do que o nosso ego aflorando e que a felicidade está nas mais simples formas de viver e a forma como olhamos a vida. Eu enfim havia encontrado a leveza que tanto buscava e a paz de espírito tomava conta de mim.

Conforme a noite passava a fogueira diminuía e o frio aumentava. Nós nos aproximávamos da fogueira e conseqüentemente nos aproximávamos uns dos outros. De certo éramos um ponto de luz em meio à altitude e escuridão do lago Titicaca que refletia um dos céus mais lindos de minha vida. Aos poucos as pessoas saíam da fogueira em direção aos seus abrigos e a certa altura da madrugada fui à procura de meu hostel. A caminhada em plena escuridão na orla do lago Titicaca foi um dos momentos em que mais passei frio na vida. A cada passo que dava eu tremia pensando em esquentar meu corpo, mas minha sensação interna era de alacridade. Não importava a situação em que eu me encontrava, todos os momentos estavam sendo intensamente vividos e completamente construtivos.

No dia seguinte me despedi de Casandra, que continuaria mais um dia na ilha, e de Igor, que iria para La Paz, e tomei um ônibus para Cusco, entrando no Peru. Passei os dias em Cusco com minha última companheira de viagem, Flor, uma uruguaia que conheci voltando da Ilha do Sol para Copacabana e que também estava a pegar um ônibus à Cusco. O centro de Cusco é lindo e carrega consigo toda uma historicidade que emana de sua arquitetura inca e espanhola. Eu e Flor conseguimos um hostel muito barato e muito perto da ‘Plaza de armas’ a praça mais conhecida de Cusco localizada em sua região central, e por lá ficamos nos dias em que estivemos na cidade. Era próximo do ano novo e a cidade se encontrava com muitos turistas. O que não faltavam eram feiras artesanais nas ruas, e como eu sempre buscava esse tipo de atividade nas cidades que eu frequentava, eu adorava parar em todo o local em que eu pudesse apreciá-los.

Figura 10 - Rua no centro histórico de Cusco



Como de costume eu frequentava diariamente o mercado público. Todos os dias eu e Flor almoçávamos no mercado que possuía as comidas mais parecidas com as brasileiras que encontrei em toda minha viagem. Já era o quinto mês que eu estava fora do Brasil e a oportunidade de comer arroz, feijão e diferentes tipos de carnes eram como uma preparação para um reencontro com a rica culinária brasileira. Sobretudo depois da Bolívia, cuja alimentação não era das mais saborosas, estar no Peru era um luxo com sua rica diversidade culinária. Havia deliciosos pratos com custos muito populares que diariamente chamavam a atenção de viajantes e moradores. Foi aí que eu voltei com um costume que tenho no Brasil e que me representava os ares de meu país se aproximando, poder disfrutar de um saboroso café com bolo.

Na noite de ano novo a Plaza de armas era o ponto de encontro de viajantes e moradores. Cusco se encontrava superlotada de pessoas e o clima era de euforia nas ruas. Passei a virada do ano em meio à multidão que se encontrava nas ruas de Cusco e o ano me trouxe boas surpresas logo no seu início com o reencontro por acaso que tive com Sol e Florência, as argentinas que tive como companhia em Uyuni e que tínhamos nos prometido um reencontro em algum lugar da América Latina. Em meio a sorrisos e alegrias com a festividade também pude reencontrar Casandra e o início do ano veio com o sabor das mais doces e prazerosas surpresas.

Figura 11 - 'Plaza de armas' em uma noite de Cusco



Pude reencontrar em Cusco, em outros dias que estive na cidade, Rafa, um amigo peruano que conheci em Buenos Aires quando eu ainda morava na capital argentina. Rafa mora no centro de Cusco e foi junto a ele e Flor que conheci meu último destino da viagem, Machu Picchu.

O caminho para Machu Picchu era tortuoso. Com estradas que passavam por entre precipícios e montanhas em elevada altitude, era comum se deparar com pessoas passando mal pelo caminho ou desistindo do trajeto. Enquanto eu estava na van que levava um grupo de pessoas a uma região próxima a Aguas Calientes – vilarejo de onde geralmente saem e se hospedam as pessoas que vão à Machu Picchu – comecei a ter leves enjoos com as curvas constantes. Conheci pessoas que desistiram e outras que queriam desistir do caminho por não estarem em boas condições físicas e saudáveis, mas esta ideia estava longe de passar pela minha cabeça. Machu Picchu e Salar de Uyuni eram os dois lugares que eu tinha como certo desde que saí de Buenos Aires querer conhecer e eu estava muito próximo de concretizar tal desejo.

Depois de oito horas viajando em van, carro, quebra de veículo e espera por más condições de estrada, chego à hidrelétrica de onde partiríamos para mais três horas de caminhada entre trilhos de trem até chegar à Aguas Calientes. É possível se fazer o caminho via trem, mas não estávamos no horário de sua partida e nem disponibilizávamos de dinheiro

para tal, além de que o arrojo de se fazer a trilha caminhando figurava muito mais aventureiro. Com o céu estrelado e vagalumes por todas as partes, enfim termina a trilha e as luzes do vilarejo aparecem. Busco um local para passar a noite e a força consumida em um dia inteiro de viagem pede energia para o dia seguinte.

Figura 12 - Parte do caminho por trilhos de trem para se chegar à Aguas Calientes



Levantamos logo cedo e seguimos em direção à trilha que leva à cidade de Machu Picchu, que se localiza no topo de uma montanha. Também é possível se fazer tal percurso via ônibus, gastando dinheiro e perdendo o mais intenso do caminho, realizar a subida. Com uma leve chuva e num ritmo bastante intenso, fizemos a subida até o topo da montanha entre uma hora e uma hora e meia, e a dor e o cansaço eram abundantes.

Enfim chego à Machu Picchu e os raios de sol já apareciam ao passo que a chuva cessava. Ao notar as magníficas construções incas existentes no alto da montanha eu sentia que qualquer tipo de sofrimento era inexistente perante o orgulho de se encontrar com o então objetivo longínquo. Confesso que pisar naquele chão e sentir no toque das mãos a perfeição da arquitetura de suas pedras era a manifestação da enlevação dentro de mim, mas a tranquilidade e a leveza que eu buscava em Machu Picchu estava longe de estar presente naquele espaço.

Figura 13 - Vista de Machu Picchu



Com cerca de dois mil visitantes diários Machu Picchu é uma aglomeração de pessoas. Eu que buscava os lugares mais tranquilos e o isolamento para meditar e a harmonia entre meu interior e o mundo exterior, via no imenso número de turistas e gritaria em todos os idiomas o desprendimento com uma reflexão particular-local por parte dos visitantes. Chineses filmando jogadas de bola e gravações de videoclipe às escondidas denotavam um desrespeito à cultura local; e as filas para se tirarem fotos só ressaltavam a propagação da ditadura da imagem. Em meio à balbúrdia turística que circula a cidade busquei um breve momento de introspecção com o local até meu momento de descer a montanha. Mesmo com o caos externo, o sentimento de leveza tomava conta de meu ser e destoava do que estava ao meu redor.

Após cinco meses e meio distante de meu país eu estava pronto para voltar à minha terra. Com diferentes experiências e muitas vivências meu objetivo foi alcançado. Não pela viagem externa em si, mas acima de tudo por meu respiro de vida interno e autoconhecimento. Havia saído sufocado do Brasil e agora regressava plácido. Uma viagem de grande aprendizagem e novos olhares mudava minha percepção mundana da vida e aflorava dentro de mim instrumentos para torná-la cada vez mais sublime.

5. Conclusão

A viagem que fiz desde o momento em que saí de Buenos Aires até a chegada em Machu Picchu, mais do que um deslocamento físico foi um deslocamento emocional. Um deslocamento emocional, pois senti e presenciei com a viagem a diferença entre meu estado interno antes e depois de toda a experiência; foram inúmeras as pessoas, situações, circunstâncias com que constantemente eu me deparava e dos quais eu tirava algum aprendizado.

Tendo perfeita consciência do benefício que essa experiência trouxe à minha vida e sabendo que essa experiência é única, minha proposta em refazer o caminho gravando, tendo como finalidade a realização de um filme, se dá na tentativa de compartilhar algo que foi/é/será benéfico para mim e ocasionalmente possa vir a ser também para outras pessoas.

O filme sendo trabalhado com minhas memórias do passado e com esses reencontros, ao mesmo tempo em que trará novos encontros, conhecimentos e emoções, terá na reflexão e sensibilidade pessoal o seu ponto mais forte.

Assim, a montagem fílmica proporrá aos espectadores uma liberdade do modo convencional de ver cinema, emancipando-os da contemplação passiva de uma história que parece contar-se por si própria, como nos filmes transparentes. O filme poderá transparecer-se como discurso construído e reconstruído pelo espectador e dessa forma motivá-lo a reagir às perturbações desencadeadas por processos mentais já enraizados, criando novas associações e exigindo um trabalho reflexivo constante de forma a levantar observações que não possuem uma linha única ou específica.

O objetivo, portanto, com a experiência fílmica não está fundamentado em significados já pré-definidos, limitando um conhecimento mundano, mas sim em aprender e ensinar a ver, juntamente com o espectador, os distintos meios de conhecimento do mundo.

6. Referências

BARTOLOMEU, Anna Karina. *O documentário: um percurso conceitual*. Revista Devir (Belo Horizonte: FAFICH-UFMG), número zero, dezembro de 1999, pp 11-26.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: *Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FINCO, Henrique. *Imagem Intensa e performance como testemunho em filmes documentários no Brasil*. Tese de Doutorado. Orientadora: Professora Doutora Alai Garcia Diniz. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

_____. *Cinema em primeira pessoa*, Revista RUA, edição 11 (2010), in: http://www.rua.ufscar.br/cinema-em-primeira-pessoa/#_ednref9 (acesso em novembro de 2015).

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NICHOLS, Bill. *Representing Reality: issues and concepts in documentary*. Indianapolis, EUA: Indiana University Press, 1991.

_____. *La Representación de la Realidad: cuestiones y conceptos sobre el documental*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____. *Introdução ao documentário*. 3. Ed. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____. *A voz do documentário*. In RAMOS, Fernão (org.). *Teoria contemporânea do cinema*. São Paulo: Editora Senac, 2008.

RAMOS, Fernão. *A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem intensa*. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). *Documentário e Narratividade Ficcional (Vol.II)*. São Paulo: Editora SENAC, 2005b.

SARMIENTO, Guilherme. *Spider: a primeira pessoa no cinema*, Revista contracampo, edição 49 (2010), in: <http://www.contracampo.com.br/49/primeirapessoa.htm>. Acesso em novembro de 2015.

XAVIER, Ismail. *O discurso Cinematográfico, a opacidade e a transparência*. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008

7. Filmografia

Santiago. Documentário, PB, 35mm, média-metragem. Direção de João Moreira Salles. Rio de Janeiro, 1992-2007. [Ficha complementar: produção: Maurício Andrade Ramos. Diretor de produção: Beto Bruno. Diretor de Fotografia: Walter Carvalho. Som: Jorge Saldanha. Edição: Eduardo Escorel e Livia Serpa. Coordenação de produção: Raquel Zangrandi. Produtora: VideoFilmes, Rio de Janeiro, RJ].